

ALÇAMENTO DA VOGAL MÉDIA /E/ POSTÔNICA FINAL NO PORTUGUÊS FALADO EM JAGUARÃO

MARIANA MÜLLER DE ÁVILA; MARIA JOSÉ BLASKOVSKI VIEIRA

Universidade Federal de Pelotas – marianaavilaa@hotmail.com

Universidade de Pelotas - blaskovskivi@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar resultados relacionados à variação e ~ i em posição postônica final, a partir de dados de fala da comunidade de Jaguarão/RS, fronteira com o Uruguai. Com base em trabalhos anteriores, (VIEIRA, 1994; CARNIATO, 2000; SILVA, 2009; MILESKI, 2013) partiu-se da hipótese de que, nessa região, os índices de elevação da vogal seriam baixos devido ao contato que os habitantes possuem com o espanhol, língua com um sistema fonológico no qual não há neutralização entre vogais médias e altas em posição postônica.

Em um dos trabalhos mais recentes, Silva (2009) analisou a fala de informantes de Rincão Vermelho/RS e evidenciou que o contato dos moradores com o espanhol e o fato de ser uma região afastada de centros urbanos a forma como as átonas finais são produzidas sofre influência. A autora avaliou 3.883 palavras terminadas em “e” na escrita e 5.951 palavras acabadas em “o”, obtendo um percentual de 16,7% de elevação para a vogal anterior e 55% de elevação para a vogal posterior.

Mileski (2013) encontrou resultados semelhantes ao estudar o comportamento das postônicas na fala de descendentes de poloneses em Vista Alegre do Prata/RS. Na amostra analisada, a autora analisou 12.521 palavras terminadas em “o” na escrita e 5980 terminadas em “e”, obtendo 5,6% de palavras produzidas com [u] e 2,5% de palavras produzidas com [i] na postônica.

2. METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, foram analisadas 23 entrevistas feitas com falantes de Jaguarão e retiradas do Banco de Dados BDS-Pampa.

Considerou-se como variável depende neste trabalho a elevação/não elevação da vogal anterior em posição átona final. Como variáveis independentes, além dos fatores sociais idade, sexo e escolaridade, foram controladas variáveis linguísticas relevantes em outros trabalhos como: contexto precedente, contexto seguinte, tipo de sílaba e tipo de vogal da sílaba seguinte.

Tendo em vista que em 5.783 dados analisados houve 98% de ocorrência da vogal [i] na posição em estudo, optamos por não realizar uma análise estatística, uma vez que a elevação foi praticamente categórica. A partir desses percentuais, decidimos buscar uma explicação teórica que desse conta dos resultados encontrados. Para tanto, adotamos a Fonologia de Uso (BYBEE, 2001) e a Teoria dos Exemplos (PIERREHUMBERT, 2001).

De acordo com Bybee (2001), a frequência com que uma determinada palavra ou estrutura é usada pode ter impacto na sua estrutura fonológica. Isso significa que a experiência afeta a representação, de modo que a força lexical de uma palavra pode mudar à medida que é mais ou menos usada em diferentes contextos. Temos duas categorias de frequência: a frequência de ocorrência que refere-se à ocorrência de determinado item lexical em um corpus, e a frequência de tipo que refere-se a padrões existentes na língua. Quanto mais frequente for um padrão na língua, mais ele tenderá a se aplicar a novos itens do léxico.

A Teoria dos Exemplos considera que cada ocorrência de uma palavra é registrada na memória. Sendo assim, ao ouvir uma palavra que apresenta variação na língua, a memória perceptual dessa palavra é atualizada. À medida que o falante vai tendo contato com outras formas de realização de uma mesma palavra, novos exemplos dessa palavra serão representados mentalmente. Os exemplos são acumulados e alterados ao longo da vida e a frequência de uso determina a sua robustez.

3. RESULTADOS

A partir da escuta das 23 entrevistas, foram coletados 5.783 dados que continham a vogal “e” em posição final. Desse total de dados, somente 115 foram produzidas com a vogal [e] na posição postônica final, o que representa 2% dos dados analisados.

Esses resultados indicam que a mudança linguística de e → i em posição postônica final, que se iniciou provavelmente no séc. XVI (NARO, 1973), está se completando na comunidade em estudo. É importante, no entanto, verificar em quais contextos a elevação ainda não é categórica.

Entre os fatores que foram controlados no estudo, temos o tipo de sílaba (leve ou pesada) em que ocorre a postônica final. A tabela abaixo mostra os resultados em relação a esse fator.

Tabela 1

Efeito do tipo de sílaba na elevação da postônica		
Tipo de sílaba	Elevação/total	Percentuais
Leve	4823/4863	98,2
Pesada	845/920	75
Total	5668/5783	98

A tabela acima indica que quando a postônica encontra-se em uma sílaba leve, a vogal que se manifesta de forma categórica é o [i]. Em 4.863 palavras terminadas em sílaba leve, somente 40 foram produzidas com [e] na postônica. Já em palavras acabadas em sílaba pesada, de um total de 920 houve 75 produzidas com a vogal [e].

Se levarmos em conta os padrões silábicos da língua, veremos que, em palavras paroxítonas e proparoxítonas, o mais comum é o padrão CV (consoante-vogal) em final de palavra, ou seja, com sílaba leve. Já o padrão CVC (consoante-vogal-consoante) ou CVV (consoante-vogal-vogal) é menos frequente. A tabela a seguir indica o número de palavras que se enquadram em cada um dos padrões encontrados nos dados:

Tabela 2

Padrões silábicos e elevação da postônica		
Padrão silábico	Elevação/total	Percentuais
Sílaba CV	4822/4858	99,3
Sílaba acabada em –es (<i>antes, nomes</i>)	743/751	98,9
Sílaba acabada em –em (<i>jovem, devem</i>)	78/117	66,7
Sílaba acabada em er/el (<i>revólver, horrível</i>)	24/57	43,9
Total	5667	5783

Conforme podemos verificar na Tabela 2, o padrão silábico no qual a vogal [e] é produzida em um percentual maior que a vogal [i] é o padrão –er/-el. Esse padrão tem uma frequência relativamente baixa, uma vez que somente

151 tipos¹ lexicais na língua o contêm. No extremo oposto, encontra-se o padrão CV, cuja frequência é bastante alta e está presente em 9813 tipos lexicais. Tendo em vista que nessa comunidade o padrão CV na postônica realiza de forma categórica a vogal [i] e tendo em vista que os outros padrões menos frequentes também sofrem alterações que provocam a emergência do próprio padrão CV (casos de apagamento da nasalidade em palavras como *ontem* ou de semivocalização de “l”, como em *horrível*, por exemplo), é possível explicar os resultados encontrados.

Além disso, seria possível também explicar tais resultados observando a frequência de uso dos itens lexicais com [e] e com [i]. Tomando dois itens lexicais como *horrível* e *ponte*, podemos verificar que o primeiro tem uma frequência de 1.281, enquanto o segundo, de 16.502². Como consequência dessa diferença temos que exemplares com [i] na postônica final são reforçados, uma vez que os falantes têm mais contato com eles. Já exemplares com [e] tornam-se cada vez mais fracos e tendem a desaparecer.

4. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- BYBEE, J. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge Press, 2001.
- CARNIATO, Miriam. *A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar*. Pelotas: UCPEL, 2000. Dissertação de Mestrado. UCPEL.
- HAUPT, C. A palavra como locus de análise da variação fonético-fonológico. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 1, p. 36 – 45, 2014.
- SILVA, S. M. *Alçamento das vogais médias átonas finais no português falado em Rincão Vermelho-RS*. Dissertação de mestrado. PUCRS, 2009.
- MILESKI, I. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata-RS*. Porto Alegre, 2013. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Sul.
- NARO, A.J. *Estudos diacrônicos*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (ed.). *Frequency and the Emergence of Linguistic Structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- VIEIRA, M. J.B. *Neutralização das vogais médias postônicas*. Porto Alegre, 1994. Dissertação de Mestrado. UFGRS.

¹ Conforme levantamento feito pelo Projeto Aspa da UFMG.

² Dados retirados do Projeto Aspa da UFMG.